

Título

Sobre a internacional neoliberal: uma análise acerca do *think tank*
Fundação Internacional para Liberdade

Autor

Tiago Santos Salgado

Ano de publicação

2026

Referência

SALGADO, Tiago Santos. Sobre a internacional neoliberal: uma análise acerca do *think tank* Fundação Internacional para Liberdade. **Transições**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, 2026.

SOBRE A INTERNACIONAL NEOLIBERAL: UMA ANÁLISE ACERCA DO *THINK TANK* FUNDAÇÃO INTERNACIONAL PARA LIBERDADE

Resenha da obra: GIMÉNEZ, Maria Julia. **Um Atlântico liberal: *think tanks*, Vargas Llosa e a ofensiva de direita na América Latina.** Campinas: Editora Unicamp, 2024.

Tiago Santos Salgado¹

Para aqueles que visam compreender os percalços e caminhos dos processos políticos e sociais latino-americanos no século XXI é fundamental ter em mente que o contexto atual é diferente do contexto da Guerra Fria, ainda que muitas vezes a gramática que marcou o período posterior a II Guerra continue presente nos discursos que expressam a correlação de forças sociais e políticas na América Latina. Em outras palavras, pensar o presente com as bases analíticas do século passado, ainda que ajude a compreender os processos, não é o suficiente para entender e, conseqüentemente, apontar soluções para os desafios latino-americanos.

Nesse sentido, a obra de María Julia Giménez “Um Atlântico liberal: Think Tank, Vargas Llosa e a ofensiva da direita na América Latina” oferece um quadro essencial para se compreender o avanço das direitas em nosso continente a partir da análise da atuação da Fundação Internacional para a Liberdade (FIL), *think tank* fundado pelo ganhador do Nobel de literatura Mario Vargas Llosa, um dos nomes mais importantes da literatura latino-americana do século XX e grande

¹ Doutor em História pela PUC-SP. Contato: tiagosalgado86@gmail.com

expoente e, de certa forma, garantidor moral, dos princípios de livre-mercado e do liberalismo na América Latina.

O livro é fruto da pesquisa de doutorado de María Julia, defendida na Unicamp em 2021, e faz um mapeamento das instituições conhecidas como *think tanks* enquanto aparelhos privados de ideologia, que tem como objetivo nortear e pautar o debate público, lançando mão de uma série de instrumentos discursivos e contando com uma série de financiadores e apoiadores. A pesquisa busca se equilibrar entre três estratégias analíticas:

[...] a primeira, voltada para a reconstrução sócio-histórica das relações e alianças formadas por defensores das ideais e dos valores liberais na América Latina em torno do campo dos *thinktanks*; a segunda, centrada na captura de estratégia, recursos, capitais e apoios mobilizados pela Fundación Internacional para la Libertad para intervir nos processos políticos e nos espaços de sociabilização; e a terceira, colocando nossa atenção na produção intelectual derivada desse campo e de seus participantes, em seus vínculos com outros espaços ou esferas sociais e na geração de coalizões, e em sua relação com formatos de produção como discursos, narrativas, pronunciamentos e intervenções, que aparecem em oposição a outros modos particulares de concepção de mundo. (GIMÉNEZ, 2024, p.28)

Dessa forma, a pesquisa indica a relação entre as discussões levantadas por essas instituições e os interesses dos capitais estadunidenses e espanhóis na América Latina. No entanto, como coloca a autora, é importante levar em consideração que os atores nacionais não são meros reprodutores dos interesses dos países centrais, mas que tampouco são alheios à correlação de forças internacionais.

A partir da análise da FIL, dos campos que a compõem e da rede da qual participa e que aglomera, buscamos capturar os interesses norte-americanos e espanhóis em ação coordenada com setores latino-americanos

alinhados ao desenho do livre-mercado. Nesse sentido, entendemos que nem os setores empresariais, políticos, acadêmicos ou jornalísticos latino-americanos que participaram dessa coalizão são satélites manipulados pelas metrópoles do Norte global, nem a forma internacionalizada anula o caráter nacional dos atores, os conflitos sobre os quais atual e, muito menos, a disputa e sua preocupação em torno dos estados latino-americanos e de sua condução. (GIMÉNEZ, 2024, pág.26)

Apesar de defenderem os princípios do liberalismo e do livre mercado, mesmo dentro dos *think tanks* liberais existem tensões e frações dentro dos grupos dominantes, mas que se encontram na condenação de experiências tidas como coletivistas e comunistas lideradas por forças sociais que adotam políticas públicas que são entendidas como prejudiciais aos seus interesses. Como forma de expressar a oposição às experiências progressistas, os *thinktankers* que são financiados e participam dos congressos de instituições como FIL, identificam como grande inimigo da civilização e da democracia na América Latina a combinação entre populismo, autoritarismo e comunismo, que se manifestam nas experiências cubanas e venezuelanas.

Assim, Venezuela e, principalmente Cuba, aparecem como um espantalho para os *think tanks* liberais a partir do final do século XX e início do século XXI como a grande ameaça às democracias latino-americanas recém instauradas após o período ditatorial. De um lado, a experiência cubana, que remonta ao passado revolucionário latino-americano e, de outro, a tentativa bolivariana de construir o “socialismo do século XXI”. Em grande medida, as ações dessas instituições estão inseridas no contexto de avanço de forças políticas progressistas (a chamada “onda rosa”) que marcou a América Latina no início dos anos 2000 em decorrência do fracasso das políticas neoliberais enquadradas nos parâmetros do Consenso de Washington.

Os interesses imediatos de agentes econômicos e políticos espanhóis e estadunidenses na defesa do neoliberalismo podem ser entendidos a partir da análise presente no livro, uma vez que enquanto que os processos de privatização em diversos países latino-americanos abriram espaço para o avanço do capital espanhol²² e estadunidense, os EUA também buscam construir uma área de livre comércio na América (ALCA), que foi frustrada muito em função da ação de líderes populares como Hugo Chávez, por exemplo. Países como Venezuela, Equador, Bolívia, Brasil e Argentina buscaram nesse período o fortalecimento de instituições de integração regional como o Mercosul e a Unasul, enquanto que para os EUA o ideal para a expansão de seus interesses na região era a construção de áreas de livre comércio, o que foi feito através de acordos bilaterais com países como Chile e Colômbia, por exemplo.

Esses interesses se expressam na adequação de um discurso que busca associar práticas de protecionismo e integração como elementos constitutivos do populismo e do autoritarismo, que vão se relacionar com o fim das liberdades individuais e de mercado. Por outro lado, a defesa da democracia e da liberdade passa a estar associada a liberdade de comércio, às privatizações a desregulamentação do mercado financeiro. Em linhas gerais, são estas as bases dos encontros organizados pela FIL e analisadas na obra, que busca relacionar os princípios do neoliberalismo com o senso comum como forma de angariar apoio às reformas de caráter privatizantes.

Como aponta o já clássico estudo de Donald Abelson, uma das formas de estabelecer 'indicadores' no estudo

²² "Entre 1986 e 1999, as privatizações na América Latina de empresas públicas que passaram às mãos do capital espanhol representaram mais da metade do total. Entre elas: Entel, Aerolíneas Argentinas e YPF da Argentina, Bancomer do México, Banco Continental do Peru, Cantv e Banco de Venezuela, Enersis e Endesa do Chile, Ende e YPBF da Bolívia, e Telebrás do Brasil." (GIMÉNEZ, 2024, p.167)

de *think tank* é a análise das estratégias de visibilidade. Isso é, os esforços realizados pela organização para tentar promover suas ideias e assim obter influência na opinião pública e nos responsáveis pela tomada de decisão. Para o pesquisador estadunidense, esses indicadores revelariam o uso que os *think tanks* fazem do *marketing* no mercado de ideias por dois tipos de estratégia: as privadas, e as públicas, referentes às abordagens mais amplas, dirigidas ao público em geral através dos meios de comunicação ou a público específicos através de eventos e publicações. (pág.141)

É esse o objetivo geral dos *think tanks* e também onde reside sua importância para o avanço de forças de direita na América Latina, já que possibilitam a construção de um discurso que articula a defesa da democracia e das liberdades com os interesses das elites, enquanto que os governos progressistas, que buscaram empreender políticas sociais e de distribuição de renda são enquadrados enquanto inimigos da liberdade e como uma ameaça à democracia. De certa forma, invertem a correlação de forças que marcou as ditaduras civis-militares na América Latina, que foram amplamente defendidas pelas elites e combatidas pelas esquerdas.

No contexto atual, as direitas se apropriam de novos elementos, que a aproximam e as distanciam do período da Guerra Fria, ou seja, aproximam na apropriação da disputa liberdade *versus* comunismo, democracia *versus* totalitarismo, mas se afasta quando opera a inversão das forças relacionadas ao autoritarismo e a democracia. Para as direitas atuais, Bolsonaro não é uma ameaça a democracia, mas o defensor de princípios básicos democráticos, como a liberdade, em particular do mercado. O mesmo vale para o atual presidente argentino Javier Milei, que defende uma agenda ultraliberal, mesmo que para isso as liberdades de associação, representação e manifestação sejam cerceadas.

No entanto, toda essa construção discursiva que visa pautar e orientar o debate público, logo, a formulação de políticas públicas, enfrenta um problema importante: a realidade. O fato é que as políticas econômicas neoliberais não foram bem-sucedidas, resultando no aumento da pobreza e da desigualdade. Por outro lado, os países que elegeram forças políticas progressistas apresentaram crescimento econômico, diminuição de pobreza e melhorias nos indicadores sociais no começo do século XXI. Como se pode prever, é uma tarefa complexa defender uma forma de gestão do capitalismo como a neoliberal, que resulta em mais exploração, desigualdade e pobreza.

Como tentamos mostrar nestas páginas, mais do que interesses setoriais concretos explícitos na estrutura organizacional, durante o período estudado a Fundación Internacional para la Libertad buscou conformar uma aliança intercontinental em chave atlântica, que diante do fracasso das reformas estruturais dos anos 90 e da nova configuração governamental latino-americana, buscou atualizar, delimitar e coordenar discursos em torno da defesa de um projeto regional, que inclusive excede os atores que compõem sua estrutura organizacional (GIMÉNEZ, 2024,p.173)

Daí deriva a importância dos *think tanks* liberais, que constituem o elemento mais bem-sucedido do neoliberalismo, ou seja, no aspecto ideológico e na construção de uma normatividade social baseada na concorrência e na instauração de empresários de si. Tais atributos passam a ser associados a civilização, enquanto que aos defensores de ideais coletivos passam a ser atribuídos o caráter bárbaro. Em outras palavras, o neoliberalismo opera uma inviabilização do futuro, já que o tempo presente se impõem como a única realidade possível frente às condições de vida cada vez mais precarizadas, em que projetos alternativos passam a ser inviabilizados.

A defesa dos valores neoliberais se ancora no “cosmopolitismo limitado ou atlântico” associado ao regime de verdade neoliberal e centrado na propagação da imagem de globalidade que projetam os países da Europa Ocidental e os Estados Unidos, a partir da difusão dos princípios ligados ao liberalismo e ao republicanismo, obstaculizados na América Latina pelo caudilhismo, populismo ou tendências ao coletivismo como os regimes estatistas e/ou comunistas. Portanto, o cosmopolitismo limitado opera na defesa de valores universalistas mas segundo critérios de exclusão (GIMÉNEZ, p.49).

Esse *presentismo*, para se efetivar, precisa de um pesado investimento em formas de expressão ideológicas e de formação de agenda pública, com o objetivo de orientar e pautar a formação de políticas públicas, sendo os *think tanks* um dos espaços onde tal operação acontece através da colonização de espaços acadêmicos, centro de pesquisas, ciclo de palestras, todos contando com pesado investimento financeiro e de marketing, que promovem seus palestrantes como especialistas e, conseqüentemente, portadores de discursos civilizatórios e verdadeiros.

Portanto, levando em consideração a ressalva que a autora faz no decorrer do livro, de que o avanço da direita após os governos progressistas na América Latina não são consequência direta da ação da FIL ou de qualquer outro *think tank*, estes estão integrados a uma complexa cadeia de eventos e forças sociais que resultaram em processos eleitorais que levaram ao poder defensores das agendas defendidas pela FIL e pelos *think tanks* liberais.

Assim, diferente da abordagem instrumentalista, e mais do que um aparato posto em marcha exclusivamente para garantir a continuidade dos ganhos do capital internacional sobre o território latino-americano, a FIL propõe-se a pensar a tarefa de propiciar uma fusão ou a soldagem entre diversos setores sociais, assumindo ao

mesmo tempo uma função educativa e diretiva em torno da agenda neoliberal, ancorada no cosmopolitismo atlântico como cosmovisão política, o que também não nega o caráter de classe desse empreendimento (GIMÉNEZ, 2024, pág.172)

Dessa forma, conseguir analisar as formas de expressão, organização e a lógica interna presente nos discursos da direita contemporânea é fundamental para conseguir projetar novas formas de organização social que rompa com a “razão de mundo” neoliberal, ou seja, para não ficarmos preses dentro da estrutura discursiva proposta pelos interesses das elites e por aqueles que os representam. Como bem lembra María Julia, retomando os escritos de Gramsci: “combater o *arditismo* com o *arditismo* é uma grande tolice” (GIMÉNEZ, 2024, pág 289), portanto, é necessário tomar a iniciativa na proposição de formas alternativas de sociedade, deixando a postura reativa e defensiva e partindo para uma postura propositiva. O livro de María Júlia Giménez é fundamental para essa tarefa.